



O MERCADO DO MILHO HÍBRIDO: DESENVOLVIMENTOS RECENTES

Eliseu Alves⁽¹⁾

1. INTRODUÇÃO

O mercado de sementes de milho híbrido teve, durante algum tempo, uma única firma brasileira que dominou cerca de 60% de suas vendas. Essa firma, inicialmente de capital brasileiro, posteriormente se associou ao capital estrangeiro. Voltou, há alguns anos, a ser de propriedade de brasileiros. E, recentemente, foi vendida a uma multinacional que está investindo, pesadamente, em Biologia avançada, especialmente, em Engenharia Genética.

No período 1970-90, muitas firmas que operavam nos países avançados, especialmente nos Es-

tados Unidos, vieram para o Brasil, porque sentiram o grande potencial do nosso mercado de sementes de milho híbrido⁽²⁾. Nos anos 80, a EMBRAPA organizou um consórcio de pequenas e médias empresas. Tendo por base o material desenvolvido pela EMBRAPA, as empresas do consórcio produziram e comercializaram seus híbridos, aumentando ainda mais a concorrência. Acresce-se ainda que cerca de 8% do mercado de sementes de qualidade é abastecido por material oriundo de polinização aberta. Como consequência do acirramento da concorrência, a firma líder perdeu fatias de mercado, ao ponto de deter apenas 30% do mercado, quan-

do foi vendida. É bem verdade que, antes da venda, o mercado já estava concentrado em poucas empresas que controlam mais de 80% das vendas das sementes híbridas. Mas, não existia a firma líder.

Qual a novidade que o desenvolvimento recente trouxe? Uma empresa comprou algumas empresas nacionais e multinacionais e conta com uma fatia de mercado de, pelo menos, 55%. Tendo em vista seu porte e competência, nas áreas de químicos, industrial e comercial, e a vasta quantidade de recursos que é capaz de mobilizar, ela tem condições de ampliar a sua fatia de mercado ainda mais. Voltamos, assim, a ter uma firma líder, agora de grande poder de barganha.

A questão que se discute é saber qual é a sua estratégia e quais as possibilidades de entradas de outras firmas, quem sabe europeias, para restabelecer a concorrência, e que papel ficará reservado à EMBRAPA, na pesquisa de milho híbrido. Ainda cabe especular, considerando a importância do milho para a produção de suínos, aves, pecuária leiteira e para alimentação humana, que atitude tomará o Con-

(1) Eliseu Alves é pesquisador da EMBRAPA. O autor agradece as oportunas sugestões do colega João Carlos Garcia, do Centro Nacional de Pesquisas de Milho e Sorgo.

(2) Trata-se de um mercado de, pelo menos, US\$300 milhões e de grande potencial de expansão. Ele comercializou, em 1997/98, cerca de 142 mil toneladas de sementes.

0120
E20

gresso Nacional, se evoluirmos para um mercado monopolizado. Começemos pela última questão.

2. O PAPEL DO CONGRESSO NACIONAL

Diretamente o Congresso não se envolverá na questão, a não ser que seja muito pressionado pelos agricultores e pela opinião pública. Se os agricultores continuarem a dispor de sementes de padrão genético de alta qualidade, a preços razoáveis, e ainda diretamente financiados pela empresa dominante, as condições necessárias para mobilizá-los não se materializam. A opinião pública é urbana e, dificilmente, se interessará por um assunto desta natureza, a não ser que o preço da carne suba e fique claro que a causa é o preço elevado e a má qualidade da semente do milho híbrido, causados pela oligopolização exagerada do mercado. Embora seja natural esperar-se um acréscimo do preço da semente, como consequência da redução da concorrência, a firma líder não deverá elevá-lo, a ponto de produzir impacto no custo de produção. Muito menos irá piorar a qualidade da semente, no que pode ser prontamente apanhada pelas malhas da fiscalização, além de despertar a ira dos produtores e perder poder de mercado. É assim porque, em primeiro lugar, há substitutos. Num caso extremo, as cultivares de polinização aberta poderiam ser utilizadas. Em segundo lugar, trata-se de um sinal claro para que concorrentes poderosos venham disputar o mercado. Ou, então, aqueles que aqui já se encontram podem decidir ampliar a fatia que detém. E, finalmente, porque despertar a ira da sociedade e levar o Congresso a tomar decisões contrárias aos seus interesses? Indiretamente, é claro que o legislativo procurará aperfeiçoar a legislação contra práticas monopolistas e oligopolistas, mas jamais em termos casuísticos.

O governo tem interesse na vinda de capital estrangeiro, principalmente, aquele que se cristaliza em tecnologia avançada. Esse interesse não visa somente aliviar os desequilíbrios da balança comercial, mas também tem a ver com as estratégias de longo prazo. Num mercado aberto, os argumentos contra os oligopólios internos perdem substância e não contrabalançam os aspectos positivos tais como: modernização tecnológica, possibilidades de captar recursos de custeio, sem onerar o crédito agrícola e entrada de capitais. Aliás esta possibilidade dá, no caso do milho híbrido, uma grande vantagem às multinacionais, em relação às nossas firmas de pequeno e médio porte: o custo do dinheiro é muito menor para elas. É claro que não é somente porque têm acesso a um mercado de capitais desenvolvido que vieram investir no Brasil. O potencial e o tamanho de nosso mercado muito têm a ver com a decisão tomada.

A defesa da empresa nacional sempre estará na agenda de todos os governos. Contudo, ações concretas são difíceis de implementar. Porque é assim? A defesa custa recursos do Tesouro, já que implica subsídios, no final. A outra possibilidade é vedar ou limitar a entrada de firmas estrangeiras. Hoje essa tese não tem a menor aceitação. Sendo assim, a par de remédios casuais, a única proteção que o governo pode dar é o acesso ao material desenvolvido pela pesquisa, especialmente pela EMBRAPA. Assim se desonera as empresas, pelo menos em parte, dos custos de realizar a pesquisa. Se o governo fechar a pesquisa em milho híbrido, então as firmas de pequeno e médio porte não sobreviverão.

3. ESTRATÉGIAS DA FIRMA LÍDER

Nada pior na competição

oligopolista do que uma guerra de preços. Disputas são freqüentes, mas dentro das regras estabelecidas pelo grupo e avalizadas pela firma dominante, quando ela existir. Um dos papéis da firma líder é organizar as regras de concorrência e impor seus limites. Seu porte e os recursos que comanda lhes dão grande poder de retaliação. Daí emana o poder que tem.

Uma das formas de organizar o mercado é a de natureza territorial. O território nacional é dividido em áreas. Cada área é reservada para uma empresa. É possível ter-se uma área que não faz parte da partilha e lá a concorrência é livre. A indústria de leite em pó e fluido tem este comportamento.

Outra forma de organizar o mercado, aliás muito freqüente: cada firma faz o marketing de seu produto, enaltecendo suas qualidades, procurando diferenciá-lo daqueles das empresas concorrentes. Mas, não pode fazer concorrência de preços. Os preços podem até variar, mas dentro de faixas muito estreitas, facilmente alcançáveis pelas outras empresas. Ou, então, há especialização que é respeitada pelo grupo, dentro de limites preestabelecidos. Um conjunto de firmas fica com o híbrido duplo e com sua faixa de variação de preços e outro conjunto, em híbrido triplo, também com sua faixa de variação de preços.

Uma firma líder pode decidir eliminar as demais do ramo e tornar-se monopolista. Normalmente, quando isso ocorre, o governo é o responsável, porque cria condições efetivas para que o fato aconteça, por intermédio de leis, decretos, portarias, etc. Quando há retorno crescente à escala, o monopólio é uma possibilidade real. Mas, é pouco provável que se registre retorno crescente à escala nesta atividade.

Contudo, não é provável que o mercado de milho venha a ser monopolizado. Razões:

1. A firma líder temerá

reações adversas da sociedade e, posteriormente, do Governo e do Congresso. Afinal de contas quem deseja um mercado tão importante como o de milho híbrido nas mãos de uma única firma? Certamente haverá problemas com a legislação vigente, embora contornáveis se a firma se dividir em várias, mas sob o controle de "holdings", com sedes em outros países, mas devidamente interligadas.

2. Sendo monopolista, a firma perderá o melhor referencial que existe para avaliar sua eficiência, que são os concorrentes.
3. Historicamente, isso não ocorreu no mercado de milho híbrido, em países capitalistas, sob o regime democrático. Nos Estados Unidos, por exemplo, muitas firmas produzem sementes de milho híbrido, muito embora o mercado seja dominado por algumas, apenas. Em termos de um mercado aberto, certamente outras empresas, igualmente poderosas, virão desafiar aquela monopolista.

Assim, mesmo que tenha poder, a firma líder não evoluirá para um monopólio. É óbvio que preferirá concorrentes confiáveis, de tradição e que já demonstraram saber honrar compromissos. As firmas nacionais, no meu modo de entender, precisam estabelecer uma estratégia de negociação com a firma líder que lhes possa dar condições

de sobrevivência e de crescer. Ou, então, obter proteção do governo que tudo indica ser impossível de ser dada, em bases de longo prazo. A terceira escolha, que nenhum brasileiro deseja, é fechar suas portas⁽³⁾. Mas, as chances de uma negociação bem sucedida, envolvendo-se aspectos comerciais, são reais. Reforça esta tese aquilo que ocorre nos Estados Unidos. Lá existe a tradição de terceirizar a produção de sementes e requer-se que a comercialização se faça sob a marca estipulada no contrato.

Uma questão interessante é saber porque existe a tendência de oligopolização do mercado. Os métodos clássicos de produzir milho híbrido são de domínio público. Então, não se trata de um oligopólio gerado por um tipo de conhecimento que ninguém, além de algumas firmas, detém. A origem do oligopólio está, portanto, ligada ao montante de recursos necessários para desenvolver o híbrido, a marca e os pontos de venda, financiar os agricultores e, finalmente, à capacidade de enfrentar os riscos de mercado. Somente firmas de grande porte, pertencentes a holdings, localizados em países de mercado de capital desenvolvido, têm condições de aportar o capital necessário e enfrentar os riscos de insucesso. No Brasil, o risco de lucro líquido negativo é ainda mais elevado, em função de decisões repentinas do governo, com o objetivo de controlar a inflação. Existem, portanto, razões para o mercado de sementes de milho híbrido ter poucas firmas. E poderá encolher-se ainda mais, devido às fusões e às falências.

Os laboratórios de pesquisa avançada, nos quais é gerada a estratégia de pesquisa e desenvolvidos novos métodos, não virão para o cá, a menos que consigamos reduzir o chamado custo Brasil. Nos Estados Unidos, o custo de realizar

pesquisas complexas é menor do que entre nós, em função de um mercado de capital desenvolvido, do tamanho da comunidade científica e da tradição de patentear os resultados⁽⁴⁾. Entre nós ficarão os laboratórios auxiliares e os cientistas menos especializados. Os laboratórios de pesquisa avançada se interligarão com os laboratórios dos países, em uma rede de pesquisa, aumentando, por este arranjo institucional, a produtividade de todo o sistema. Como o custo de comunicação e de viagens é cada vez menor, a distância deixou de ser um problema.

4. O PAPEL DA EMBRAPA

A pergunta correta é: que interpretação fará o governo dos recentes desenvolvimentos do mercado? Uma interpretação radical é que já existe suficiente capacidade e recursos no setor privado que se torna desnecessário o setor público investir em pesquisa de milho. Os recursos, hoje consumidos por esta atividade, devem ser investidos em outros programas de pesquisa. Uma decisão desta natureza comete um erro de avaliação. Corretamente, é preciso verificar se o retorno dos investimentos do governo e da iniciativa particular, em conjunto, não é maior do que o investimento isolado da iniciativa particular. Sendo, assim não se justifica fechar a pesquisa pública de milho. Sabe-se bem que o CIMIT, que é um centro internacional que se dedica à pesquisa de milho e trigo, aumentou muito os retornos da pesquisa privada nestes cereais e de toda a pesquisa, no mundo todo. Embora não documentado rigorosamente, o mesmo fenômeno ocorre entre nós. Ainda mais, a sobrevivência das pequenas empresas de sementes é muito dependente da pesquisa pública. Fechar

(3) Há sempre a possibilidade de captar recursos no mercado. Quem desejará investir em firmas de pequeno e médio porte que já enfrentam muitas dificuldades?

(4) Sem falar nas dificuldades de natureza burocrática e trabalhista.

a pesquisa de milho é, assim, contribuir para uma maior oligopolização do mercado de milho e sua desnacionalização.

E a reordenação do programa de pesquisa, fugindo das áreas nas quais a iniciativa particular tem vantagens comparativas, voltando-se para aquelas estratégicas e básicas? Em tese, este é o caminho que se imagina adequado para a pesquisa pública. Numa instituição de pesquisa aplicada, como a EMBRAPA, esta visão apresenta um problema sério. A pesquisa aplicada perde o rumo se não for capaz de apresentar produtos bem definidos, de preferência fisicamente viáveis, aos seus clientes. Ademais, *faltar-lhe-á uma melhor condição de interagir com as firmas menores.*

Uma melhor decisão é exigir que o programa de pesquisa, que pode, em tese, duplicar as ações da iniciativa particular, seja por ela financiado. Esse critério elimina o subjetivismo embutido nos julgamentos daquilo que cabe e não cabe

à pesquisa fazer. Evita, em parte, o julgamento de burocratas despreparados.

Não se pode ainda perder de vista que existem muitas regiões no Brasil, como o Nordeste e o Norte, que não são atrativas à iniciativa particular e menos ainda à agricultura familiar.

O maior desafio que a EMBRAPA enfrenta, neste respeito, está dentro dela mesmo e, por enquanto, a componente externa é menos relevante. Nascida para fazer pesquisa aplicada, não tem dado a devida atenção à formação de recursos humanos nas áreas básicas da ciência que se tornam imprescindíveis ao sucesso da pesquisa aplicada. O seu programa de formação de recursos humanos precisa ser redirecionado, privilegiando, no caso de pós-graduação no exterior, os cientistas de maior talento nas áreas básicas. É verdade que se deu um grande passo nesta direção, com a criação de um laboratório de pesquisa no exterior. Mas, muito há a ca-

minhar.

Outro grande desafio é saber negociar seus programas de pesquisa com iniciativa particular, nos casos em que isto é aconselhável. Nascemos e crescemos dentro de uma tradição que sempre viu com maus olhos este tipo de ação. Mas, esse passado está morto. Nesse aspecto, ressalte-se o esforço da direção da EMBRAPA e do Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo. Mas, temos uma longa estrada a percorrer, se quisermos seguir o rumo da história.

BIBLIOGRAFIA

Mas-Colel, Andreu, Whinston, Michael D. & Green, Jerry R. *Microeconomic Theory*, New York, Oxford University Press, capítulo 12, 1995.